



PRESENTE NO PRESENTE

JULIA SOTTILI ^{1*}



Sons de pássaros agitados e movimentações nos arbustos próximos fizeram com que eu me levantasse. O sol estava brilhando com o clima perfeito. Olhei ao redor: me encontrava deitada na grama úmida, na parte de trás do restaurante universitário da minha faculdade. Eu sabia onde estava porque era um atalho conhecido, o mesmo que pegava todo santo dia até a aula, mas algo na vegetação havia mudado... e cadê o arame farpado? E os tijolos delimitando onde pisar? Estranho.

Levantei e caminhei, caminhei e caminhei. Não havia restaurante universitário coisa nenhuma, não havia blocos, centros e nem mesmo espaços de socialização. Só um vasto mato rente ao solo. Mais para frente, sim, havia prédios e outros tipos de construções, só que não entendi muito bem a escolha arquitetônica: não eram de tijolos, não estavam revestidos com nada que eu costumava reconhecer. Na verdade, era algum tipo de material pedregoso, muito bem esculpido, do chão até quase o teto, delicado e muito bem cuidado. As cores também eram lindas, quase uma maquete divertida e divina feita por uma criança disposta a ganhar uma nota perfeita ou um estudante sem medo de inovar em um projeto.

Nas ruas havia muitas mulheres rindo, conversando, debatendo e criticando. Eu podia fazer quase uma leitura da situação de uma dupla: “nunca que eu falaria isso, estão mentindo!”. Era engraçado como parecia ser óbvio e, por isso, as escolhi para pedir informação. Chegando até elas, perguntei onde estava. Recebi só uma troca de olhares, risadinhas e palavras que não compreendi - que língua era aquela? Não identifiquei como espanhol, muito menos inglês, não era francês, e nem latim. Parecia uma língua tonal, seria mandarim ou vietnamita ou algo do tipo? As outras mulheres que passaram também não me entendiam. E as outras também não. Nem a morena, nem a loira, nem a mais velha e nem a mais nova. Não tinha uma que falasse português ou qualquer outro idioma que eu conseguisse minimamente entender.

Já estava começando a escurecer e fui me abrigar em uma das construções mais bonitas daquela região. Havia uma escrita na frente - incompreensível - que supus ser algo relacionado com medicina, não sei porquê. Era, na verdade, um laboratório, aqueles de testes, estudos práticos e tal, coisas mais “mão na massa” do que só teoria. Caminhei pelos longos corredores revestidos por pedras grossas e milimetricamente lixadas, pintadas em um azul bebê reconfortante. Entrei em uma, duas, seis, doze salas, e, mesmo assim, ninguém me entendia.

Finalmente, sem esperar, uma moça pequena, com um olhar cuidadoso, pegou em minha mão e me encaminhou até um dos laboratórios. Não houve comunicação, mas ela, pelo visto, havia sido acionada por outras mulheres que estavam frustradas em não conseguir me ajudar durante a passagem de salas. Essa moça me colocou sentada numa cadeira, - ou um banco ou uma poltrona ou um puff duro ou um penico chique com almofadas não fofas, não sei exatamente o que era aquilo, entretanto, se me sentei, o objeto cumpriu sua função - em seguida abriu um livro grosso. Era um livro infantil e cheio de ilustrações. Ele era, obviamente, sobre fases, mas o alfabeto usado não era o que eu conhecia, então poderia ser qualquer coisa com desenhos aleatórios. Acreditei na intuição e folhee as páginas: uma menina recém nascida com um poncho, uma menina capinando um espaço de terra, uma menina lavando frutas, uma menina com uns quinze livros enfileirados atrás dela, uma menina tocando seus joelhos e fazendo careta, várias meninas brincando de fazer cosquinhas umas nas outras, e por aí vai. Era muito bonitinho, parecia um livro sobre amadurecimento e experiências femininas, as próximas páginas tinham meninas com corpos mais volumosos, olhares mais joviais e decididos, menos inocentes. Sorri para a moça quando terminei e ela colocou um segundo livro em minha frente: esse livro também tinha um alfabeto que eu não reconhecia e até mesmo diferente do outro que recém havia visto. Só tinha símbolos - ou palavras - e não entendi o contexto dele. O terceiro livro era sobre anatomia humana, as ilustrações eram simples, explicativas e parecia óbvia a mensagem que queria passar. O quarto e o quinto livro só tinham palavras que eu não entendia e o sexto era claramente uma enciclopédia, pesada e, para quem conhece minimamente um “a” dessa escrita, muito informativo. Abaixei a cabeça e pedi desculpa várias vezes por não ter compreendido. A moça, como se fosse um ato universal até mesmo ali, me abraçou e consolou com palavras gentis porém sem significados concretos. Sabia que não estava em casa.

Naquela noite, dormi na casa da moça dos laboratórios. Era um apartamento simples, com uma decoração interessante e simples, com fotografias em grupo e quadros com pinturas infantis penduradas. O material da coberta, da cama, do travesseiro, do pijama era tão diferente e mesmo assim tão útil como qualquer outro que já usei.

^{1*} Graduanda no curso de Letras Língua Portuguesa, bolsista na Revista Katálysis. E-mail: juliasottili33894@gmail.com

Ao acordar, comecei a caminhar pela cidade com a moça - que à essa altura, apontava para si e dizia algo como “Duzia”. E eu apontava para mim em seguida, dizendo “Ma - lu”, bem devagar e claro, que foi reproduzido mais tarde como “Mà - lu”.

As ruas eram bem cuidadas, com um paisagismo moderno. Eram sinalizadas e as construções brilhavam de tão geniais. As roupas das transeuntes eram esquisitas, pareciam ponches, algumas com vestidos de mangas longas anos oitenta e outras com longas calças flares com cores neutras. Também via micro saias, mas como não era confortável e prático, era só estiloso mesmo. Não vi um jeans sequer. Apesar de estarem parecidas, como se uma moda realmente fosse ditada, havia individualidade em cada uma, fosse na maneira como se portavam ou na maquiagem e acessórios que usavam. As conversas entre elas eram bem normais, sendo sincera. Não compreendia uma palavra, mas que havia um diálogo amistoso, havia.

Refleti por um momento: só tem mulheres aqui. Não há um homem sequer. Nem nos livros apresentados naquele dia, nem nas ruas. O que significa isso? É bem relevante, como não percebi antes?



Como não tinha muita opção, aceitei viver naquele lugar, dia após dia, tentando me encaixar. Acordava, ia para a parte agrícola - que provavelmente era um bairro afastado da cidade que fui apenas uma vez antes - e passava o dia plantando e colhendo. À noite, sentava com Duzia, eu revisava todos os livros básicos de ensino e aprendia um pouco mais da língua.

A ocupação e o cotidiano me inseriram naquela sociedade e em menos de três meses já entendia a base daquele mundo: em momento algum da história existiram homens. Simplesmente não havia um homem em lugar nenhum, isso nem sequer era um conceito. Ser mulher também não era bem um conceito, é simplesmente o que é. As civilizações emergiram de algo que, chutei ser Pangeia, se dividiu, colonizou países e instituiu normas linguísticas e sociais. Essas mulheres falam “Fômpho” - essa é a pronúncia, pelo menos - e vivemos em Wàn Po - que significa “Única Linha” - no repartimento de Wàn Mò, chamado de país de algo como repartimento ou corte de terra.

Não entendia a relação de nada com nada, muito menos a língua que originou essa, quem foram os colonizadores, quando se tornou independente. Sei que existe algum tipo de líder, a Phila Fabin, que governa de longe, em outra região, mas de modo geral, chuto que seja um regime democrático. Muitas repartições estão em “guerra fria” por tensões políticas devido a distribuição desigual de territórios há uns duzentos anos atrás. No geral, isso não afeta as mulheres de Wàn Po, entretanto todas estão sempre em alerta. A disseminação midiática é bem esquisita também, não existem celulares e nem redes sociais, o foco tecnológico era em materiais de apoio para a medicina e controle de dados; as informações chegam até nós pela “rádio”, folhetins ou reuniões diárias presenciais num enorme salão de teatro, que chamam de Informativo Central, ou algo do tipo.

Mas... e a reprodução? Supostamente, aqui as coisas são justas. O corpo da mulher, quando demonstra preparo e responsabilidade, gera um bebê. Simples assim. E esse preparo não é apenas físico, é psicológico também, ou seja, algumas mulheres nunca engravidam aqui. Parece patético, até idealizado, mas é simples. Ou você está pronta e gera um bebê ou não e segue sua vida.

O sexo não é pudorizado aqui, e assim como em qualquer lugar, existem pessoas que precisam mais do que outras. Mulheres amam, gostam, ficam com mulheres. O casamento não é exatamente o que conheço com a construção “casamento”, mas um compromisso romântico, com celebração e tudo. Existem vários tipos de amor, a poligamia e monogamia é um espectro mas, novamente, vai de mulher para mulher e a maneira de lidar consigo mesma.

Áreas como educação, saúde e segurança se inserem no dia a dia de todas, sendo acessível a qualquer uma.

Esse mundo é impressionante.



A inserção forçada a esse ambiente me obrigou a sair da zona de conforto. No outro mundo, eu costumava ser bem animada, faladeira até. Era mestranda na área da fonoaudiologia, trabalhava com mídias sociais e passava todo o tempo livre com meus amigos - e às vezes isso me cansava, tanta pressão em ser amistosa, ser boa amiga, boa filha, boa namorada, boa pessoa, boa estudante, boa profissional, boa de cama, boa de papo, boa de aparência, quando nada era sobre ser realmente boa, e sim, sobre agradar o suficiente para ser considerada boa.

Aqui, apesar das mulheres serem gentis e acolhedoras, a individualidade e a solidão são a opção certa. Esses momentos sozinha, estudando a cultura, caminhando por lugares diversos, entrando e saindo de situações desagradáveis ou incomuns, me fizeram confiar mais em mim mesma. Agora eu tinha algum tipo de poder sobre o presente e o que fazer com ele. Eu sabia dizer não e eu podia fazer isso - e quando foi que não pude? O que exatamente mudou além da minha linha de raciocínio e localização?

Quando compreendi melhor o espaço e a minha personalidade, tudo junto, fiz amizades. Algumas médicas, algumas professoras, algumas políticas. Todas com algo a ensinar e cativadas em aprender. As conversas, emoladas por tanta variação linguística, não precisavam de uma tradução cem por cento literal: de comidas até planos futuros de vida. Meio que os sorrisos e os olhares respondiam minhas dúvidas.

Cerca de dez meses depois de chegar, saí da parte agrícola e comecei a estudar sobre produção e manuseamento de remédios, trabalhando em um laboratório de manhã e visitando fábricas de noite. Nunca pensei que gostaria tanto de mudar de profissão, mas era exatamente isso que eu deveria ter feito muito antes.

Todos os processos que me fizeram mudar como pessoa também me tornaram alguém melhor. Os pensamentos eram mais organizados, as relações eram tranquilas, as decisões eram justas e benéficas. Se sentir pertencente pela primeira vez quando jamais havia se sentido rejeitada é estranho, do tipo, quem exatamente eu era e o que era imposto a ser eu?



Contudo, a saudade de casa era agonizante. Minha mãe estava bem? Minha melhor amiga? Meu pai? Meus amigos da faculdade? Minha tartaruga? Minha tese de mestrado? Eu não tinha a menor ideia.

E por quê os homens simplesmente não existem? Eu amo meu pai, amo meus amigos, gosto dos caras que fico, sinto empatia por vários rapazes e não acho que odeie algum sem motivo. Eles são legais e prestativos, são bons.

Esse período pareceu sabático, porém, esse mundo utópico de paz, tinha que chegar ao fim, certo? Tudo o que construí em Wàn Po em um ano e meio não poderia ter o mesmo peso de tudo que foi construído durante vinte e quatro anos no meu local de origem. Isso é injusto, cadê tudo aquilo para o qual sempre me dediquei, sofri e amei por tanto tempo?

Fiquei inquieta. Comecei a questionar todas, deixando claro que a verdade precisava aparecer - eu parecia maluca, ninguém jamais esconderia nada de mim propositalmente.

Até que um dia, aleatoriamente, quando uma jovem conhecida na região, funcionária do jornal central e ativista dos "Direitos da Comunicação Justa em Wàn Po", veio até mim e disse: "Para entender onde está, precisa voltar para onde veio". Foi quase um conselho e eu nunca mais vi ela.

O que se passou na minha cabeça foi o óbvio, voltar para o local que acordei há um ano e meio atrás e resolver tudo de alguma forma. E fui. E nada. Nada aconteceu.

Passei a ir lá todos os dias, depois de me ocupar com meus afazeres diários, vivendo ainda no meu mundo adaptado, tentando aproveitar cada mínimo detalhe antes de finalmente partir.

Os meses se passaram e a rotina era ir até o atalho, sem respostas e sem saber o que exatamente esperar.

Até que um dia, em um horário específico, oito e dezesseis, momento exato em que passava pelo atalho em dias de atraso extremo, eu me vi em terceira pessoa diante de horas antes de acordar nesse mundo novo.

Eu me vi, na escuridão, caminhando com minha mochila meio aberta, comendo um sanduíche ou algo do tipo, no silêncio profundo daquele atalho vazio. Com vários homens atrás de mim. Senti um aperto no peito e comecei a sussurrar para mim mesma e depois gritar. Não consegui me avisar, eu só era uma telespectadora.

Eram seis homens, já era premeditado. A outra nem viu de onde veio, mas ela foi acertada com força na cabeça por um dos tijolos que delimitavam esteticamente o atalho. Esperneava enquanto era levada até os arbustos e árvores mais estreitas, um dos homens cobria a boca dela com um pedaço de pano velho. O único som da cena eram risadas e respiradas fortes como se fossem gemidos, ela não participou nem mesmo da trilha sonora da agressão. Foi espancada e estuprada tantas vezes e de tantas formas que, enquanto assistia, eu vomitava continuamente. A outra não, ela se mexia muito e mesmo assim não se desvencilhou nem por um segundo. O chutes e a força usada era tanta que outro som começou a aparecer, algo como "crec".

Durou cerca de doze minutos. Eles saíram correndo e eu me rastejei até ela, mas nem se eu estivesse no mesmo mundo que ela, poderia fazer algo. As pernas estavam moles, os ossos do pulso esquerdo aparente, roupas rasgadas, muita sujeira, objetos fincados na pele, a mandíbula quebrada e sangue escorrendo por todo o corpo. Era nauseante, inacreditável e era... eu.

Senti, como se uma voz ditasse em meu ouvido, que havia dois caminhos: eu não estava morta, alguém em breve passaria e me tiraria dali, eu iria me recuperar fisicamente, minha vida não havia chegado ao fim. Jamais curada psicologicamente, fadada com a chance de viver novamente algo do gênero e ver isso acontecendo com outras mulheres, repetidas vezes. Ou, eu poderia rejeitar toda essa vida, vinte e quatro anos de mim mesma, de Malu, de Maria Lúcia, e ser a Mãe - Lu do outro mundo. Fui impulsiva e não pensei duas vezes, escolhi ser a Mãe - Lu.



Não narro essas histórias, elas são como um diário flutuante de memórias da minha vida. Voltei para Wàn Po e foi como se tivesse vivido todo esse tempo lá, crescido e desenvolvido toda minha personalidade diante daquele universo, sem memória alguma do acontecido ou qualquer coisa fora daquele mundo. Da mesma forma que todas as mulheres daquele local também tiveram uma escolha, até mesmo as bebês recém nascidas, de um jeito ou de outro, após situações singulares de abuso, escolheram ficar no mesmo lugar que eu. E ninguém sabe disso. Esse mundo refugia quem deseja ao máximo recomeçar e então me lembrei que Wàn Po significa “Única Linha”: nós pudemos escolher para onde seguir, não era a única opção para viver, mas era a única chance de viver.

